

ano 2 • número um • 2010

palavra

SESC LITERATURA EM REVISTA

SESC



MEDIADORES DE LEITURA caso de amor aos livros • **HELOISA BUARQUE DE HOLLANDA** poesia na internet • **OFICINAS LITERÁRIAS** para o escritor completo • **ENTREVISTA COM MOACYR SCLiar** olhar maravilhado • **LITERATURA E CIDADE** bate-papo entre Luiz Ruffato e Sergio Leo

ENCONTRO COM A LITERATURA

“Um bom mediador serve como espécie de ponte, aproximando o texto ao público leitor”, diz o professor Marcelo Alves, que atua na formação de mediadores de leitura em diversas instituições, como o SESC, em Tocantins. Conheça o importante papel dessas pessoas que percorrem o país, espalhando o amor pelos livros, em ampla reportagem sobre o assunto.

Divulgar novos nomes da poesia também é tarefa fundamental, como mostra o artigo de Heloisa Buarque de Hollanda, que explica por que a *Internet* é hoje um dos principais espaços para autores inéditos.

E para quem quer ser escritor, nada melhor do que frequentar as mais conceituadas oficinas de criação literária do país, retratadas em nossa matéria principal. Entenda também a importância das grandes feiras literárias, que movimentam o mercado editorial no Brasil.

Gabriela Guimarães Gazzinelli e Sérgio Tavares, os vencedores do Prêmio SESC de Literatura de 2009, nas categorias romance e conto, respectivamente, têm suas obras resenhadas pela primeira vez, enquanto o imortal Moacyr Scliar declara, em entrevista, que ainda se considera um jovem escritor. “Precisamos reconhecer nossas limitações e trabalhar o texto com dedicação, refazendo-o tantas vezes quantas for necessário, porque escrever é, sobretudo, reescrever”, ensina o mestre.

Já na seção Palavras Cruzadas, a jornalista Cristiane Costa bate um papo com os escritores Luiz Ruffato e Sergio Leo, sobre histórias em que a cidade é a protagonista. Lado a lado, o consagrado Nauro Machado e o jovem Heyk Pimenta dividem o Espaço Literário dedicado à poesia.

A Redação

três	Primeiras Palavras
quatro	Para gostar de ler
sete	Outras Linhas – HELOISA BUARQUE DE HOLLANDA
nove	O ofício da escrita
treze	Resenha
quinze	Entrevista – MOACYR SCLiar
dezenove	Um algo a mais
vinte e dois	Palavras Cruzadas
vinte e cinco	Espaço Literário
vinte e sete	Agenda
vinte e oito	Palavras em Arte

pEXPEDIENTE

uma publicação
do SESC - Departamento Nacional

Presidência do Conselho Nacional do SESC

Antonio Oliveira Santos

Direção-Geral

Maron Emile Abi-Abib

Divisão de Programas Sociais

Nivaldo da Costa Pereira

Consultoria da Direção-Geral

Juvenal Ferreira Fortes Filho

Coordenação editorial

Assessoria de Divulgação e Promoção

Christiane Caetano e Denise Oliveira

Gerência de Cultura

Márcia Leite

Conteúdo

Flávia Queiroz e João Pedro Fagerlande

Produção, edição de textos e reportagem

Gabriela Varanda

Projeto gráfico e edição de arte

Ruth Lima

Produção gráfica

Celso Clapp

Revisão

Clarissa Penna e Roberto Azul

Foto capa

Ed Holub

Colaboraram

Departamentos Regionais do SESC

www.sesc.com.br

Telefone: (21) 2136-5555

Av. Ayrton Senna, 5.555 – Jacarepaguá – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 22775-004

1ª Impressão – Ago/2010

Impresso na: WWW GOL Gráfica

Tiragem: 5.500

Reprodução proibida

Um dos compromissos institucionais do SESC é incentivar formas de manifestação cultural, dentre as quais a literatura, que vem sendo praticada há milênios pelas civilizações através da escrita e da oralidade como um veículo para revelar a intimidade humana, criar sistemas simbólicos e provocar pensamentos.

As obras literárias preservam e renovam algo fundamental para nós: a língua. Não por acaso dicionários e gramáticas se baseiam nos grandes escritores da nação. Como medir o impacto de Machado de Assis, Guimarães Rosa, João Cabral de Mello Neto, Drummond e tantos outros em nossa identidade linguístico-cultural? E os trovadores populares, poetas que cantam nossos mitos e histórias – que língua falaríamos sem eles?

A palavra literária é um importante bem cultural, e deve ser constantemente estimulada por meio de ações voltadas à literatura. Porém, num país que ainda apresenta níveis insuficientes de leitura em considerável parte da população, como propiciar ações nesse sentido? É necessário, pois, que essas atividades estejam entrelaçadas com programas educacionais de letramento, com bibliotecas, encadeando a literatura num organismo em que o verbo possa atingir diversas esferas, entre elas a da obra de arte.

Em meio a muitas ações realizadas pelo SESC, são várias as que trabalhamos para cultivar especificamente o literário: laboratórios de escrita, cursos para formação de mediadores de leitura, contação de histórias, rodas de leitura, saraus poéticos, feiras de

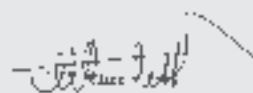
livros etc. Um dos projetos que vem se destacando nos últimos anos é o Prêmio SESC de Literatura, realizado anualmente desde 2003 em parceria com a editora Record.

Um concurso aberto a todos os brasileiros, que tem como diferencial abranger toda cadeia produtiva do livro, (criação – edição – distribuição), uma vez que os vencedores passam a fazer parte do catálogo de uma editora de grande porte no mercado nacional.

É importante entender o Prêmio como um dos elementos que compõem a rede literária por nós estabelecida. Embora apresente maior visibilidade institucional, não se aparta dos demais trabalhos realizados pelas unidades do SESC em todo país.

Nessa rede, encontra-se também a Revista Palavra, que chega à sua segunda edição. Antes centrada no Prêmio, ela agora se propõe a oferecer uma visão mais ampla sobre a literatura brasileira contemporânea, fomentando discussões e divulgando iniciativas importantes na área.

Se a palavra serve ao mesmo tempo para aproximar e diferenciar os homens, e se é na realização artística que ela dispõe de irrestritas possibilidades de configuração, o que está em jogo na promoção da literatura são também, em última instância, formas de interação social mais conscientes, livres e autênticas.



MARON EMILE ABI-ABIB
Diretor-Geral do Departamento Nacional do SESC



Fotos: Secretaria de Cultura do Ceará / Chico Gadelha

*Crianças participantes do
projeto Agentes de Leitura no Ceará*

PARA GOSTAR DE LER

Por que e como cresce no país a figura do mediador de leitura

“**T**ia, não sei o que está acontecendo comigo. Não consigo parar de ler.” A constatação é da jovem Gleiciane Rodrigues da Costa, 13 anos, moradora de Jan-gurussu, bairro de Fortaleza. Não distante dali, na mesma comunidade, Adelaide Hortên-cia da Costa tornou-se, aos 76 anos, contadora diária de his-tórias para os netos, mesmo com pouca visão.

Os dois relatos são narrados por Diana Maria Henrique Sampaio, 41 anos. Diana, desde 2009, integra o proje-to Agentes de Leitura, do go-verno cearense, no qual 350 agentes atuam em 30 municí-pios e dez bairros periféricos de Fortaleza, com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Mais de 8,5 mil famílias são beneficiadas. De bicicle-ta, mochila e arsenal de livros

emprestados pelo projeto, Diana vai de casa em casa le-vando seu amor pelos livros: é uma mediadora de leitura. “É uma experiência maravilhosa quando consigo criar neles o hábito. As pessoas em geral parecem ter medo dos livros; ficam olhando de longe”, con-ta a agente, que cursa Pedago-gia e gosta de José de Alencar e Machado de Assis.

A experiência no Ceará foi tão bem-sucedida que os ministérios da Cultura e da Educação lançaram o projeto Agentes de Leitura. Em parceria com nove estados e 24 prefeituras, o projeto dissemina a leitura por meio de 4.574 novos mediadores, alcançando cerca de 450 mil pessoas. Podem ser agentes jovens entre 18 e 29 anos, com Ensino Médio, moradores de comunidades de baixa renda. Como os agentes de saúde, eles visitam residências e promovem ações integradas às bibliotecas e escolas municipais. Os selecionados em cada Estado passam por formação continuada, realizada pela Cátedra Unesco de Leitura.

A ação parece imprescindível. Dados da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, de 2007, coordenada pelo Instituto Pró-Livro, apontam que nada menos do que 45% dos brasileiros com o Ensino Médio têm apenas o nível básico de alfabetização e que 77,1 milhões de brasileiros (cerca de 45% da população) são não-leitores. Em resumo: não são capazes de entender o que leem ou estabelecer correlações e contextualizar as leituras.

PAIXÃO POR COMPARTILHAR A LEITURA

Mas o que seria exatamente um mediador? É a pessoa que deve, sobretudo, viver o entu-

siasmo pelos livros e querer partilhá-lo, segundo Eliana Yunes, diretora da Cátedra Unesco de Leitura/PUC-Rio. “Mais ainda se profissionalmente ou afetivamente estiver na condição de semeador do discurso e do pensamento – caso de educadores em geral. O caminho para aproximar livros e homens, como queria Lobato, não é mistério, nem depende de receitas ou de fórmulas didáticas ou mágicas”, afirma.

“Acredito que, além do amor aos livros, a pessoa deve ser curiosa, apostar em outros autores, arriscar novos textos, desestabilizar-se como leitor. Um bom mediador serve como espécie de ponte, aproximando o texto ao público leitor”, diz o professor Marcelo Alves, mestre em Linguística e atuante em formação de mediadores em diversas instituições, como a Universidade do Estado e a Secretaria de Educação do Rio de Janeiro e o SESC, em Tocantins.

“Ser mediador é testemunhar as descobertas dos novos leitores. E, enquanto isso ocorre,

faço as minhas próprias”, revela Viviane de Oliveira Lucas, 35 anos, mediadora há mais de dez, com passagem por diversas universidades, escolas, abrigos para menores e grupos para idosos no Rio de Janeiro. “É como naquela obra do Eduardo Galeano, *Livro dos abraços*, onde o menino que, ao ver o mar pela primeira vez, pede ao pai: ‘me ajuda a ver’”, cita.

INCENTIVO GERAL

A formação de mediadores de leitura é uma das ações protagonistas do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), lançado pelos ministérios da Cultura e da Educação em 2006. O PNLL institui diversas diretrizes em prol da literatura, incrementando bibliotecas, os setores editorial e livreiro e, certamente, os potenciais leitores brasileiros.

“A formação de mediadores ainda não está totalmente afirmada, mas estamos crescendo”, conta José Castilhos Neto, secretário-executivo do Plano. Ele exemplifica: hoje, no PNLL, dentre as cerca de 900

“O caminho para aproximar livros e homens, como queria Lobato, não é mistério.” ELIANA YUNES

“Ser mediador é testemunhar as descobertas dos novos leitores. E, enquanto isso ocorre, faço as minhas próprias.” VIVIANE DE OLIVEIRA LUCAS

ações registradas em prol da literatura, 25% a 30% dessas iniciativas são de formação de mediadores – das diretrizes apontadas pelo Plano, é a segunda de maior ocorrência. As ações envolvem os governos federal, estaduais e municipais, empresas e o Terceiro Setor, e o Plano Nacional do Livro e Leitura tornou-se também um mapeamento das iniciativas antes esparsas pelo país.

Hoje, no mapa do Prêmio VIVA-LEITURA, dos Ministérios da Cultura e Educação, são registradas 24 ações de destaque em território nacional voltadas à formação de mediadores. O VIVALEITURA foi criado para destacar os melhores projetos e programas na área. Na lista do Prêmio está a iniciativa mais antiga em formação de mediadores no Brasil: o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler), realizado pela Fundação Biblioteca Nacional desde 1992. Ainda mapeados, empresas e instituições das mais diversas – entre elas o SESC no Tocantins, destaque a partir de 2009 com o Programa Formação de Mediadores. Nele formaram-

se 220 novos mediadores, oriundos de escolas públicas e privadas e de associações de bairros periféricos de Palmas, a capital.

Em 2010 uma outra grande iniciativa desponta nacionalmente. O grupo Universidade Aberta do Brasil, formado por nove universidades federais, começa a formar mediadores em cursos a distância. Voltado para professores da rede pública, o projeto pretende formar ao todo 2.890 novos mediadores. Os estados são Ceará, Pernambuco, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul e São Paulo. ●



Mediadores de leitura
percorrem casas.

Heloisa Buarque de Hollanda.



POESIA EXPANDIDA

Heloisa Buarque de Hollanda é professora da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), coordenadora do Programa Avançado de Cultura Contemporânea (Fórum de Ciência e Cultura/UFRJ), diretora do Instituto Projetos e Pesquisa e da Aeroplano Editora, bem como curadora do Portal Literal <www.literal.com.br>.

É difícil falar de poesia hoje com certo conforto, ou melhor, com precisão e acuidade. Como nunca, hoje, a poesia parece inquieta, insatisfeita com o desenho de seu formato tradicional. Culpa da *Internet*? Talvez, mas não necessariamente.

A evidência é de que já há algum tempo as fronteiras não só entre os gêneros literários mas também os saberes começam a desafiar os limites e padrões que lhes foram historicamente impostos. Nessa linha de raciocínio, não é de hoje que podemos perceber um forte impulso de expansão da palavra literária. Mallarmé, Guimarães Rosa, Cortázar, Joyce, Borges e outros autores são provas contundentes dessa evidência.

Portanto, ao contrário do que possa parecer, a *Internet*, por si só, não é responsável pelo turbilhão de mudanças que se anuncia nas áreas do livro e da leitura. Tudo indica que, na realidade, essa transformação responde a uma demanda latente de experimentação de fronteiras e procedimentos.

O que parece ter sido o real papel da *Internet*

e das mídias digitais para a atual ampliação da criação poética é a formalização das possibilidades de intensificação da interatividade e, sobretudo, do horizonte experimental que a convergência de plataformas e mídias permite a partir da estrutura múltipla da *Web*.

Essas novas variáveis, trazidas pelo ambiente *www*, consolidam o atual processo de explosão da palavra, em todas as suas formas, dicções, gramáticas, sintaxes.

Nesse quadro, a palavra avança segura, interagindo com novas linguagens e interlocutores e logo se expande em diferentes práticas literárias, remixando linguagens, gêneros e suportes. É a palavra rimada, a poesia na prosa, na dicção cotidiana, a prosa na música, a qualidade indiscutível das novelas gráficas, a palavra agilizada no dialeto dos *blogs*, *orkuts*, *e-mails*, a palavra pirateada, hackeada, explorando as novas possibilidades tecnológicas dos *iPods* e *podcasts*, buscando a expressão visual, as formas dramatizadas, trabalhando fronteiras imprecisas, expandindo seu potencial de arte pública. Apontando no horizonte, podemos ver

ainda os primeiros sinais de uma nova literatura transmídia.

Por todos os vieses, torna-se mais ou menos evidente que a poesia não mais se confina ao formato tradicional do que se convencionou chamar de poesia. Um rápido exame da produção poética atual vai verificar que todos os novos poetas têm seus *blogs* como mesa de trabalho. É o caso dos nomes mais reconhecidos da novíssima poesia brasileira, como Bruna Beber, autora de *A fila sem fim dos demônios descontentes* (Editora 7Letras) e *Balé* (Editora Língua Geral), que cuida dos *blogs Bife Sujo e Cutelaria*, colabora com o *Metroblogging Rio*, edita a revista *Bala* com mais dois amigos e mantém o *blog* <www.didimocolizemos.wordpress.com>. Alice Sant'Anna estreou com *Do-bradura* no <www.adobradura.blogspot.com>, antes de ser publicado pela Editora 7Letras; Ismar Tirelli Neto lançou seu primeiro livro, *Synchronoscopia*, também pela Editora 7Letras, a partir do *blog* <www.sonetosoitavaserie.blogspot.com>; ou Ramon Melo, autor de *Vinís mofados* e dos *blogs* <www.sorrisodogatodealice.blogspot.com> e <www.clickinversos.myblog.com.br>. Outros, como Omar Salomão, autor de *À deriva* (Editora Dantes), não têm *blog*, mas, como quase todos os seus colegas de geração, coloca seus poemas em vídeo no *YouTube* <www.youtube.com/watch?v=ThI5_OEGBDU>. Isso para citar apenas alguns dos poetas que estão se destacando no panorama literário atual.

É também importante referir poetas ainda inéditos, dos mais diversos pontos do país, que já se tornam conhecidos na rede, como Arruda, poeta paulistano que divulga seu trabalho no *site* <www.saudadedopapel.zip.net>, Artur Rogério, pernambucano que escreve poemas, romances e contos disponíveis na página <www.vozesdantartica.blogspot.com>, Marcelo Sahea, poeta gaúcho que trabalha com vídeo e animação na página <www.poesilha.blogspot.com>, ou Zema

Ribeiro, poeta maranhense residente no endereço <www.zemaribeiro.blogspot.com>.

O espaço aberto pela *Web* para esses jovens criadores, além do campo experimental que disponibiliza, apresenta um efeito colateral nada desprezível. Penso na formação de críticos informais que passam a responder, comentar e interagir com o trabalho desses criadores e também um fenômeno há muito desaparecido que é a vida literária, ou seja, um movimento de reações, comportamentos, respostas e debates em torno da literatura, que aponta claramente para a formação de um público ativo de autores e leitores.

É importante ainda observar que a literatura marginal, novo movimento literário das periferias e comunidades de baixa renda, que veio para ficar e que está surpreendendo por sua força e criatividade no campo da produção literária do país, também usa amplamente os recursos da *Internet*, disseminando essa produção com um vigor inédito, como se pode verificar, por exemplo, pela vitalidade dos *blogs* <www.ferrez.blogspot.com>, de Ferréz, autor de *Capão peccado*, *Manual prático do ódio* e do livro de poesias *Fortaleza da desilusão*, além de outros romances, livros infantis, HQs etc.; <www.otaboanense.com.br/poetasergiofaz/00poesia.htm>, de Sérgio Vaz, poeta, criador da *Cooperifa* e autor, entre outros, do conhecido livro de poemas *O colecionador de pedras*; ou <www.suburbanoconvicto.blogspot.com.br>, de Alessandro Buzo, autor de *Guerreira* e *O trem* – contestando a versão oficial e que mantém a livraria/centro cultural Suburbano Convicto.

Ainda é cedo para fazer previsões confiáveis sobre o futuro dos poetas, da poesia e das novas vozes que vêm das periferias. Mas também é impossível negar que a literatura promete acontecer neste século XXI, chamado, de forma sintomática por Umberto Eco, de o Século da Palavra. ●



Foto: Barbara Esteves

Oficina de introdução ao universo literário para público infantil, durante a II Jornada SESC Alagoas de Literatura

O OFÍCIO DA ESCRITA

Oficinas de criação literária valorizam a profissão de escritor

“**A**s oficinas literárias são importantes não exatamente para ‘formar’ autores. Um autor não se forma, se informa. A ideia do artista ‘inspirado’ ou sem cultura literária é antiga”, afirma Suzana Vargas, à frente da Estação das Letras, um dos mais conhecidos centros de criação literária do Brasil, situado no Rio de Janeiro.

Autora de livros de poesia, literatura infantil e ensaios, e professora de literatura há trinta anos, Suzana iniciou seu trabalho na Oficina Literária Afrânio Coutinho (Olac), a primeira do país, que tinha sede no bairro de Ipanema, no Rio. Quando a Olac fechou, ela continuou a dar aulas na casa dos alunos até que, em abril de 1996, resolveu abrir com um grupo de escritores, a Estação das Letras, e aproveitou para diversificar ao máximo a programação do local. Hoje a instituição tem uma extensa e variada gama de oficinas e cursos e trabalha com alguns dos melhores profissio-

“Em minhas aulas, discutimos a montagem de uma obra de arte literária e procuramos escrever com absoluta clareza, fazendo exercícios constantes.”

RAIMUNDO CARRERO

nais de escrita do país. Ruy Castro, José Castello, Ferreira Gullar, entre muitos outros autores, fazem parte da equipe.

Segundo Suzana, a leitura é a mola mestra de toda e qualquer criação. “Os professores, que também são escritores, sabem disso e em suas aulas buscam orientar os alunos no sentido de que leiam mais e, no máximo, irão indicar caminhos de trabalho, ensinarão as técnicas inerentes a cada gênero”, completa a professora, que costuma ainda destacar em suas oficinas informações sobre a indústria editorial. “Um autor hoje em dia não pode querer escrever ignorando as leis do mercado. Isso sem falar que, nas aulas em grupo, ele vai descobrir que não está tão solitário em sua tarefa, que existem outras pessoas”, diz. Em rodas críticas de uma oficina, é possível, por exemplo, ouvir de colegas e professores opiniões diferentes a respeito de seu trabalho. O retorno dessa atividade é muito proveitoso para aqueles que desejam levar a profissão a sério. A Estação das Letras investe ainda em oficinas *on-line*, facilitando o acesso às aulas da instituição.

CULTURA SÓLIDA E ABRANGENTE

Há vinte e cinco anos à frente da oficina literária oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Luiz Antonio de Assis Brasil também é testemunha da história das oficinas no país. “Tudo começou como uma experiência para durar um semestre. Naquela época, no Brasil, as oficinas literárias eram valiosas, mas esporádicas e de curta duração”, lembra o professor, com mais de 700 alunos no currículo.

Quem quer ingressar na concorrida oficina da PUC-RS precisa participar de uma seleção rigorosa, que escolhe 15 entre 80 a 90 candidatos. “A oficina de criação literária é um dos passos que podem ser agregados à formação de qualquer escritor. Digo ‘um dos passos’, porque os outros compreendem muita leitura, mui-

“Um autor hoje em dia não pode querer escrever ignorando as leis do mercado.”

SUZANA VARGAS

“Escrever se aprende escrevendo, já dizia Clarice Lispector. Escrever, exercitar, colocar o seu texto à prova.”

MARCELINO FREIRE

“Os jovens poetas, em geral, escrevem bem ou interpretam bem seus poemas. Difícil é juntarem as duas coisas.”

CHACAL

ta escritura, muito acompanhamento da crítica literária e, sobretudo, muita cultura, abrangente e sólida”, afirma o professor gaúcho, que conduz seu curso com duração total de dois semestres letivos. “Hoje é impossível ser escritor sem um mínimo de conhecimento da teoria, mesmo porque, em sua grande parte, os jovens escritores são ligados, de alguma forma, à Universidade, fenômeno de nosso tempo”, completa Assis Brasil, que acabou criando uma linha específica de Criação Literária no Mestrado em Teoria da Literatura, oferecido pela PUC-RS.

O pernambucano Raimundo Carrero, outro profissional de destaque na área, concorda com o colega. “Toda pessoa precisa de uma formação sólida. As oficinas de criação literária ajudam os escritores a identificar melhores níveis de leitura, a conhecer o arsenal técnico de que dispõem para montar a sua obra, a encontrar caminhos, a inventar as próprias técnicas”, diz. Carrero está a frente de oficinas em Recife diariamente e ainda percorre o Brasil atendendo a convites. “Em minhas aulas, discutimos a montagem de uma obra de arte literária e procuramos escrever com absoluta clareza, fazendo exercícios constantes”, explica.

Aluno de Raimundo Carrero, quando ainda morava na capital pernambucana, em 2004, Marcelino Freire é hoje um dos nomes mais ativos em oficinas literárias na cidade de São Paulo. “Escrever se aprende escrevendo, já dizia Clarice Lispector. Escrever, exercitar, colocar o seu texto à prova. A oficina serve para isto, para o texto sair da gaveta, do *desktop*, e ganhar outros ouvidos, críticos e afins”, afirma. Há três anos ele coordena a oficina de criação literária do Centro Cultural B_arco, onde trabalha com todos os gêneros, do microconto a romances de mil páginas. Pela oficina de Marcelino já passaram autores convidados como Luis Fernando Verissimo, Sérgio Sant’Anna, Jorge Mautner, Antonio Cicero e José Luandino Vieira. Ele ainda divide seu tempo com o curso de criação literária da Academia Internacional de Cinema, e costuma levar suas oficinas para outras cidades do país.

A OPINIÃO DE QUEM FEZ

“Acredito que o principal propósito das oficinas literárias deve ser a formação de leitores. Por isso, as oficinas precisam fornecer técnicas de compreensão e consequente aprofundamento da leitura – e aí está a chave dessas oficinas na formação de escritores: bons escritores são, antes de tudo, bons leitores. Um bom leitor não se resume à quantidade de livros lidos, mas à qualidade de cada leitura. E para um leitor que se quer escritor é preciso habilidade para experienciar um livro em sua plenitude, isto é, uma leitura que concentre o olhar sensível e o olhar crítico e resulte numa relação mais consciente com a literatura, tanto em sua apreciação quanto em sua feitura.”

.....
Maurício de Almeida é antropólogo, e seu livro *Beijando dentes* foi vencedor do Prêmio SESC de Literatura de 2007, na categoria contos. Coursou a oficina do Espaço Cultural Companhia Paulista de Força e Luz, em Campinas (SP), com João Silvério Trevisan e Nelson de Oliveira.



Foto: Gabriela Silva



Foto: Barbara Esteves

Sala de aula na
PUC-RS

Oficina literária no
SESC Alagoas

“As oficinas literárias são muito válidas, sobretudo porque o talento sem o conhecimento não levará o escritor comum a lugar algum, sobretudo o poeta. Para mim, o poeta moderno é aquele que domina as formas, que passeia por diversos formatos da poesia com a mesma vitalidade: das redondilhas ao soneto, passando especialmente pelo verso livre, que em verdade nunca foi livre, pois um poema jamais se verá livre daqueles elementos que nos falam Aristóteles, Boileau e Pound: linguagem, imagem, ritmo e ideia. Sem tais elementos, um poema não se realiza.”

.....
Gustavo Felicíssimo é poeta e ensaísta. Foi aluno da Oficina de Criação Literária de Maria da Conceição Paranhos, em Salvador (BA). Possui diversos artigos publicados na imprensa brasileira, revistas especializadas e internet. Publicou *Silêncios [Haikais]* (Via Letterarum, 2009). Mantém o blog *Sopa de Poesia*: <www.sopadepoesia.blogspot.com>.

POESIA E PERFORMANCES PARA O PÚBLICO

Também em São Paulo, as oficinas do V de Verso movimentam o SESC Consolação. Uma observação do poeta, compositor e produtor cultural carioca Chacal deu origem ao projeto: “Os jovens poetas, em geral, escrevem bem ou interpretam bem seus poemas. Difícil é juntarem as duas coisas.” É esta, justamente, a ideia da oficina: investir na expressão e performance poética, utilizando, eventualmente, outras linguagens que apoiem o texto falado. À frente das oficinas do V de Verso estão o próprio Chacal, o poeta, locutor, jornalista e produtor cultural Fabio Malavoglia, que é também curador e diretor das *Pílulas Poéticas* da TV SESC, e o poeta, professor de literatura, crítico e tradutor Fabiano Calixto. Outro evento de sucesso que proporciona um encontro com a literatura e seus criadores, por meio de oficinas de escrita criativa, performances e palestras, é o Literatura Plural, sediado pelo SESC Osasco. O evento já teve edições dedicadas à poesia, com participação de Antonio Cicero, Chacal, Fabrício Carpinejar e Edson Cruz, e à literatura digital, com presença de Heloisa Buarque de Hollanda, Ignácio de Loyola Brandão, Marcelino Freire, Luiz Ruffato e Samir Mesquita.

Já na II Jornada SESC Alagoas de Literatura, em maio último, as oficinas exploraram a tradição poético-musical local, a exemplo da oficina Falares e Cantares do Meu Povo. O norte do evento foi o estudo das tradições populares da cantoria de viola e do coco, do improviso poético e das suas relações com a Música Popular Brasileira, como mecanismos de criação e construção de novas obras autorais. Poemas tradicionais foram apresentados, sendo suas formas, rimas e métricas analisadas e relacionadas com a literatura popular e a MPB. Também em Alagoas, para crianças e jovens entre 6 e 14 anos, brincadeira e imaginação foram o mote da oficina O Mistério dos Sete Gatos Pingados, em que jogos de palavras, adivinhas, trava-línguas e ditados populares introduzem os participantes, desde cedo, ao mundo mágico da literatura. ●

Cavala: leitura a sangue frio

Por **Manoela Sawitzki**

Na história da literatura abundam exemplos de que mesmo quando de forma subterrânea, em culto clandestino, como foi o caso de Marquês de Sade, há um vasto público interessado por obras que enveredam pela porção sombria da psique humana. Quanto mais vertical e profundo o corte, maior o embate entre a atração e a repulsa. Há algo de intangível e misterioso na loucura, no impulso da violência, da perversidade, na pulsão de morte, que nos arrasta à vã tentativa de compreender aquilo que, enfim, perpetrará como enigma insolúvel.

Ao fim de cada um dos quatro perturbadores contos de *Cavala*, livro de Sérgio Tavares, a sensação é de um imenso desconforto. É preciso respirar fundo e perguntar: Posso mesmo seguir adiante? No pri-

meiro deles, que batiza o livro, acompanhamos o percurso inquietante da protagonista – ex-modelo e atriz célebre – durante uma crise de Transtorno Obsessivo Compulsivo.

No território pantanoso desse inconsciente marcado, a busca da sanidade em números e fórmulas, culminando num desfecho terrível. Em seguida, com *Fome*, o relato que oscila entre o vício irrefreável e a culpabilidade de uma ninfomaníaca. Em *Sobre a pélvis* um homem se submete a trabalhar no mictório público para satisfazer sua perversão; em *Papel de cão*, um menino de rua, cuja agressividade letal é atribuída a um cão de papel que guarda em seu bolso, é a estranha vítima do pedófilo Doutor Ivone. Uma prosa que aniquila, mas pode instigar. Leitura a ser feita a sangue frio. ●



MANOELA SAWITZKI nasceu em Santo Ângelo (RS), em 1978. É escritora, dramaturga e jornalista. Publicou o romance *Nuvens de Magalhães* (Mercado Aberto, 2002) a peça *Calamidade* (Funarte, 2004), cuja primeira montagem lhe rendeu o Prêmio Açorianos de Melhor Dramaturgia de 2006, e o romance *Suíte Dama da Noite*, lançado em 2009 no Brasil pela editora Record e em Portugal pela Editora Cotovia.

A filosofia do alpiste nas palavras de um papagaio

Por **Ramon Mello**

O livro *Prosa de papagaio*, de Gabriela Guimarães Gazzinelli, pode ser classificado como uma “rapsódia”, considerando que se trata de uma composição erudita, de tema livre e com possibilidades e espaços para improvisações. Há também aproximação ao gênero épico, tendo em vista que o livro narra, em fragmentos, a vida de um personagem que simboliza uma nação: o papagaio.

O enredo pode se tornar confuso ao leitor acostumado ao pacto de verossimilhança realista. É necessário aceitar o fato de a história ser narrada por um papagaio; e que os seres humanos, personagens da história, dialogam com a ave de bico curvo e penas coloridas. Uma família de intelectuais de Belo Horizonte – a poeta Sílvia, o professor e tradutor Horácio, as gêmeas Laura e Celina, a editora Sibi-

la, o primo Marcos, o cão Cosme e o Papagaio Louro – está envolvida em uma relação que resulta numa forte reflexão filosófica sobre alteridade.

A verossimilhança em questão é surrealista e deve ser lida de forma simbólica. O papagaio-poeta que se coloca de fora do contexto familiar fazendo uma narrativa crítica pode ser entendido como expressão dessa alteridade, ou seja, coloca-se no lugar do outro na relação interpessoal, conduzindo as diferenças à soma nas relações interpessoais.

O tom inventivo da narrativa dialoga com o revolucionário texto de Mario de Andrade, *Macunaíma*, em que o narrador revela que ficou conhecendo a história por meio do papagaio ao qual Macunaíma havia relatado suas aventuras. *Prosa de papagaio* se constrói

como um livro dentro do livro, que transparece a honestidade intelectual da escritora mineira. Com a tagarelice de seu pássaro, Gabriela Guimarães Gazzinelli nos lembra que “melhor se guarda o voo de um pássaro / do que um pássaro sem voos”, como canta o poeta carioca Antonio Cicero. ●

RAMON MELLO nasceu em Araruama (RJ), em 1984, é jornalista e poeta, autor do livro de poemas *Vinis mofados* (Língua Geral, 2009). É organizador de *Escolhas*, autobiografia intelectual da professora Heloisa Buarque de Hollanda, e pesquisador e coorganizador de *Enter*, antologia digital. Mantém os blogs *Sorriso do Gato de Alice*, *ClickInversos* e *Letras-Saraiva Conteúdo*. É responsável pela obra do poeta Rodrigo de Souza Leão, falecido em 2009.



O JOVEM ESCRITOR DE SEMPRE

Moacyr Jaime Scliar nasceu em 23 de março de 1937, em Porto Alegre, filho de José e Sara Scliar, imigrantes judeus que deixaram a Rússia para trabalhar em colônias agrícolas no interior do estado do Rio Grande do Sul. Com o encerramento do projeto, sua família acabou se estabelecendo na capital gaúcha, no bairro do Bonfim, uma vizinhança simples, de casinhas baixas e iguais. Naquele tempo não havia televisão e a diversão era escassa, mas os laços familiares e comunitários, muito fortes. Seu pai tinha vocação para contar histórias e sua mãe era professora de iídiche e leitora de José de Alencar.

ENTREVISTA • Moacyr Scliar



E foi justamente do famoso romance *Iracema* que Sara tirou o nome do futuro escritor. As leituras do jovem Moacyr incluíam obras de Monteiro Lobato, Erico Veríssimo e Jorge Amado. Do amor pela leitura desde muito cedo, nasceu o autor, eleito imortal pela Academia Brasileira de Letras em 2003, com 80 livros publicados em diversos gêneros, incluindo romance, conto, ensaio, crônica e ficção infantojuvenil, e obras publicadas em mais de 20 países. Pelo seu livro mais recente, *Manual da paixão solitária*, Moacyr Scliar recebeu, em 2009, o Prêmio Jabuti, entre tantos outros, numa carreira marcada por grande repercussão de crítica. O escritor gaúcho é ainda colunista do jornal *Zero Hora*, e colaborador da *Folha de S. Paulo*, desde a década de 1970. Com uma carreira literária tão produtiva, é possível ainda se sentir desafiado pela palavra? “Claro! Sem esse desafio a literatura não existe”, afirma Scliar, que aproveita o tempo livre para reler *Quincas Borba*, de Machado de Assis.

PALAVRA Além de escritor, o senhor construiu uma sólida carreira como médico. Grandes autores seguiram o mesmo caminho, como Guimarães Rosa e Anton Tchekhov. Em que medida literatura e medicina se entrelaçam? Seriam ambas formas de lidar com a fragilidade humana?

Medicina e literatura partilham um território comum, que é o da condição humana em seus aspectos mais profundos. Quando a pessoa está doente, as máscaras caem, e ela se revela tal como é; e este é exatamente o objetivo da literatura, revelar o lado autêntico das pessoas. Medicina e literatura valorizam a palavra; no primeiro caso, como instrumento de diagnóstico e de terapia, no segundo, como forma de criação estética. Por último, médicos estão familiarizados com narrativas, senão as narrativas ficcionais, então as narrativas médicas, nas quais muitas vezes há histórias transcendentais.

PALAVRA O senhor é judeu e filho de imigrantes, condição que permeia seus livros. Como se dão as relações entre vida e obra na sua experiência literária?

A cultura judaica valoriza muito a palavra escrita e o livro; afinal, trata-se do

povo da Bíblia. Não é de se admirar que muitos escritores tenham origem judaica. E ser filho de imigrantes foi, do ponto de vista literário, uma experiência importante, porque o olhar do imigrante sobre a realidade brasileira é um olhar diferente, um olhar inclusive maravilhado. Aprendi, através desse olhar, a valorizar o meu país.

“Medicina e literatura valorizam a palavra; no primeiro caso, como instrumento de diagnóstico e de terapia, no segundo, como forma de criação estética.”

PALAVRA Seria uma das funções da literatura dar voz às diferenças? Haveria nisso uma espécie de ensinamento, uma forma de sensibilizar o leitor às questões humanas?

Sem dúvida. Grupos marginalizados, perseguidos, sempre tiveram na literatura uma forma de revelar ao mundo seu sofrimento. Isso vale para as mulheres, para as minorias étnicas e sexuais, para os pobres, para os oprimidos.

PALAVRA No seu último romance, *Manual da paixão solitária*, o senhor recria passagens do Livro do Gênesis com base no ponto de vista de personagens bíblicos que poderíamos considerar, de alguma forma, como marginais: Shelá e Tamar. Por que o interesse por eles? Há nisso um projeto de revisão cultural tendo como base personagens “sombreados”?

Sempre tive um interesse grande pela Bíblia, da qual sou leitor constante (um leitor literário, não religioso). E esse episódio do Gênesis sempre me fascinou; a história do patriarca, de seus três filhos e da mulher, que desempenha um importante papel na vida de todos eles, está permeada pela paixão, pelo ciúme, e até pelo engodo. Por isso a Bíblia é tão atual. E por isso tantos escritores nela buscaram inspiração. No caso, trata-se de uma narrativa curta, sintética, com detalhes obscuros que funcionam para o escritor como se fosse um desafio; ele é levado a “completar” o texto, e isso equivale a uma reescrita, a uma conexão entre o antigo e o moderno.

PALAVRA Além de literatura para adultos, o senhor tem vários livros voltados para o público infantojuvenil. Qual a importância

de bons livros infantojuvenis para a formação de adultos leitores?

A literatura juvenil, que está crescendo muito em nosso país, é importantíssima. Os livros podem fazer a cabeça dos jovens, podem até mudar a vida deles. No mínimo, ampliam seu universo emocional e, claro, seu universo vocabular. O jovem que lê pensa mais e pensa melhor; sente mais profundamente as suas próprias emoções.

“O jovem que lê
pensa mais e pensa
melhor; sente mais
profundamente as suas
próprias emoções.”

PALAVRA O senhor diria que são os mesmos temas para diferentes públicos, criados com base em referências e linguagens apropriadas para cada faixa etária?

Os temas são basicamente os mesmos, com particularidades: no caso de livros para jovens, é preferível que os personagens sejam jovens, que a temática seja apresentada do ponto de vista dos jovens e que a linguagem, sem renunciar à qualidade literária, seja acessível.

PALAVRA Depois de tantas obras lançadas, prêmios recebidos, traduções para várias línguas, o senhor é hoje um escritor de mérito internacionalmente reconhecido. Isso afeta sua escrita, o momento de sentar para criar?

Não, não afeta em nada. Continuo sendo o jovem escritor buscando narrar histórias que despertem no leitor prazer e emoção, e que representem, de algum modo, uma lição de vida. Humildade, nesse caso, é fundamental; precisamos reconhecer nossas limitações e trabalhar o texto com dedicação, refazendo-o tantas vezes quanto for necessário, porque escrever é, sobretudo, reescrever.

PALAVRA Sua obra foca constantemente na reescrita de narrativas as passadas. Olhando agora para sua trajetória como escritor, como recontaria essa história?

Como a história de um menino fascinado por histórias narradas e histórias escritas, como o jovem que acreditava na literatura como uma forma de mudar o mundo, como o estudante de medicina e o médico que expressavam através de palavras vivências muito

profundas, como o brasileiro que vê na literatura de seu país um retrato vigoroso de nossa realidade.

PALAVRA O SESC é uma entidade com diversos projetos voltados à formação de leitores e escritores. Na sua opinião, como fomentar a literatura num país como o Brasil?

Particpei de muitos projetos do SESC e dou meu testemunho pessoal: é um trabalho admirável, tanto na literatura como no plano social. Instituições como o SESC ajudam a formar leitores, completam a tarefa da família, que é onde nasce o hábito da leitura (pais que leem terão filhos que leem também); da escola, que hoje está introduzindo os alunos à leitura de forma criativa e dinâmica, facilitando a interação do jovem com o texto; e dos meios de comunicação, do governo, de pessoas que são vistas como exemplo.

PALAVRA Qual a importância de prêmios literários para o reconhecimento e o lançamento de novos escritores no mercado editorial? O senhor poderia nos contar qual foi seu primeiro prêmio recebido?

Prêmios representam um enorme estímulo para quem escreve, e tornam conhecidos os trabalhos de muitos escritores. Um prêmio que tem a chancela de uma instituição respeitada, como é o Prêmio SESC de Literatura, é duplamente valioso. Ganhei muitos prêmios ao longo de minha atividade, e os primeiros foram bem humildes: um par de sapatos (num concurso de crônicas patrocinado por uma sapataria), uma máquina fotográfica (que não funcionava), uma coleção de discos de vinil. Mas o importante foi o estímulo.



“Prêmios representam um enorme estímulo para quem escreve, e tornam conhecidos os trabalhos de muitos escritores.”

PALAVRA Quais são os seus conselhos a um jovem escritor, para conseguir êxito na profissão?

Ler bastante, escrever e re-escrever, mostrar seus trabalhos (oficinas literárias ajudam muito), participar de concursos. Sobretudo, não ter pressa: literatura é um projeto de longo prazo.

PALAVRA Como o senhor vê o papel da *Internet* e das novas plataformas para livros digitais?

É um papel importantíssimo, porque oferece uma nova e acessível possibilidade aos jovens. Estamos ainda no começo dessa nova fase, mas acho que é muito promissora e que vai aumentar muito o universo de leitores. ●



*Crianças visitam estande
na Bienal do Livro de
Minas Gerais*

UM ALGO A MAIS

Feiras, jornadas, mostras e festivais literários já não são mais os mesmos. Estão melhores.

O Brasil será o país homenageado na Feira de Frankfurt de 2013. O anúncio recente da homenagem, no que é considerado o maior evento editorial do mundo, chamou a atenção: afinal, os números da Feira em 2010 na Alemanha já apontam para mais de 7 mil expositores de mais de 100 países. O público estimado, até o momento, é de 300 mil visitantes.

Mas, para além dos números, destaca-se a natureza do evento: o que seria, atualmente, uma feira literária? No Brasil, o público supera cada vez mais as expectativas: a Bienal Inter-

nacional do Livro de São Paulo é visitada por nada menos do que 700 mil pessoas; a última Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro atraiu público de cerca de 640 mil; e, no Pará, a Feira Pan-Amazônica do Livro recebe, em média, mais de meio milhão de visitantes. Sem falar nos salões literários infantis, como o Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, que em junho último levou aproximadamente 40 mil pessoas à zona portuária do Rio de Janeiro.

O sucesso de público incentiva a realização crescente de encontros em torno da leitura e do livro. Em 2010, ainda debutam dois novos

*Jornada Literária de Passo Fundo*

eventos, o Salão Internacional do Livro da Paraíba, em setembro, e a Bienal do Livro do Paraná, em outubro. E, após a segunda edição da Bienal do Livro de Minas Gerais, em maio – com público de 250 mil pessoas –, o segundo semestre do ano é repleto.

MUDANÇA DE RUMO

Todo esse movimento é positivo, pois chama a atenção para a literatura no país, segundo Eduardo Mendes, diretor-executivo da Câmara Brasileira do Livro (CBL) – que, assim como o Sindicato Nacional de Editores de Livros (Snel), apoia dezenas de eventos em todas as regiões. Porém, para Mendes, é preponderante o investimento dos eventos literários no aspecto educativo. “Não há dúvida. Quando falamos em feiras, temos que ter em mente que os eventos colocam o livro e a leitura em evidência, e

formam cada vez mais leitores. Para que isso ocorra de forma efetiva, é necessário investir sempre mais em programação cultural e educativa”, afirma.

O grande exemplo, já a partir de 2010, é a Bienal Internacional do Livro de São Paulo – a maior da América Latina e uma das maiores do mundo – que em sua vigésima primeira edição empregará na programação cultural R\$ 1,5 milhão. Por programação cultural compreende-se apresentações, debates, seminários e leituras, ou seja, a aproximação do universo literário aos leitores, de modos diversos. A XIV Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro também experimentou da receita, ao inovar na programação cultural e educativa, no ano passado. Segundo Arthur Repsold, presidente da GL Events no Brasil, responsável pela empresa or-



Foto: Divulgação UPF



Foto: Divulgação UPF



Foto: Divulgação UPF

Bienal do Livro do Rio de Janeiro

Jornada Literária de Passo Fundo
Bienal do Livro do Rio de Janeiro

ganizadora Fagga, o acréscimo de público espontâneo devido às modificações foi de 10%.

OS MÉRITOS DE PASSO FUNDO

A preocupação com o debate literário, com a formação do leitor, no entanto, sempre predominou em uma cidade – Passo Fundo, no Rio Grande do Sul. O município, com 183 mil habitantes, é hoje a Capital Nacional da Literatura, título concedido em lei do governo federal de 2006, graças à Jornada Literária de Passo Fundo. Realizada desde 1981 bienalmente, a Jornada não é um evento, mas uma “movimentação cultural permanente”, segundo Tânia Rösing, professora da Universidade de Passo Fundo (UPF), idealizadora e coordenadora do encontro. “É antes de tudo uma metodologia.

Sempre nos preocupamos com a formação do leitor; a venda dos livros é consequência”, diz. A Jornada é permanente porque ocorre de modo sistemático, em escolas municipais, estaduais, em contatos com editoras, debates e seminários com autores, cujos livros são previamente adotados para estudo e conhecimento dos alunos. No projeto Livro do Mês, por exemplo, autores gaúchos e nacionais debatem mensalmente as obras com o público, em encontros em Passo Fundo e nas cidades que abrigam os *campi* da UPF.

As Feiras de Livros do SESC também são eventos de destaque na agenda nacional. Ao lado das Jornadas e Mostras Literárias, elas ocorrem em todas as regiões do país. ●

Muitos autores escrevem histórias que poderiam se passar em qualquer lugar do mundo. Mas no caso do consagrado Luiz Ruffato e do estreante Sergio Leo, vencedor do Prêmio SESC de Literatura 2008 na categoria contos, a cidade é mais que simples cenário; é a protagonista. Seja ela Cataguases, São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília ou Lisboa, em seus percursos pela cidade, os dois autores preferiram não seguir pelo lugar-comum. *Mentiras do Rio*, de Sergio Leo, chega a ensaiar um contraponto à corrente de narrativa urbana firmada por Rubem Fonseca, com sua paixão por personagens masculinos fortes, cínicos e irresistíveis. “Eu ponho um personagem impotente, ligeiramente ingênuo e meio pateta para funcionar na mesma Copacabana em que circulam esses machos da narrativa urbana dos anos 1980 e 1990”, conta o carioca criado em Fortaleza e radicado em Brasília. Os personagens da série *Inferno provisório*, de Ruffato, se diferenciam por sua origem proletária. Gente como os próprios pais do escritor, um pipoqueiro e uma lavadeira, que migraram em busca de melhores condições para os filhos

“Não sou de lugar algum”, diz.

CRISTIANE COSTA



Ilustração Mark Shaver



[Cristiane Costa] **Esse olhar especial para a vida urbana tem a ver com o fato de serem dois “expatriados”, vivendo longe das cidades onde nasceram e cresceram?**



[Luiz Ruffato] A localização geográfica (e emocional) das minhas histórias tem a ver com a minha opção de fazer uma literatura “compromissada”. Minha decisão de me tornar escritor se deu de maneira pragmática: eu queria dar uma contribuição efetiva para a “revelação” de um personagem que nunca apareceu nas páginas da literatura brasileira. Ou, quando apareceu, sempre o foi de maneira estereotipada: o operário urbano. Quis contar as mudanças ocorridas no país, a partir do processo brutal de industrialização (e, portanto, urbanização) da década de 1950, e como isso afetou as camadas da classe média baixa brasileiras.



[Sergio Leo] Quando comecei a trabalhar como jornalista, nos anos 1980, fazendo matérias para o jornal *O Globo* sobre a cidade, descobri lugares do Rio que muitos cariocas desconhecem. Até então, a ideia da cidade, na invenção literária, me parecia mais uma referência geográfica, uma espécie de cenário que localiza os personagens e indica características deles, como nos livros de Machado de Assis. Passei a ver esses cenários como possíveis personagens em si mesmos, com vida própria. Os seres humanos são detalhes que ajudam a caracterizá-los, como as bochechas, os olhos ou a boca.



[Cristiane Costa] **Essa presença da cidade, não como paisagem, mas como elemento primordial das histórias, seria então parte do projeto literário de vocês?**



[Luiz Ruffato] No meu caso, sem dúvida. A cidade, no meu trabalho, é a personagem principal. Não uma determinada cidade, mas o espaço urbano, em contínua renovação, nascendo e morrendo sem que nos detenhamos nele.



[Sergio Leo] Senti essa intenção do Ruffato no primeiro livro que li dele, *O mundo inimigo*, e gostei da mistura de geografia e memória: o personagem volta ao beco onde morava na infância, encontra um amigo da época, falam do lugar no passado, das mudanças; a vizinhança deixa de ser só um elemento de localização para estruturar a história. É uma coisa meio filosófica, o homem e suas circunstâncias. Coincidentemente, como fez o Ruffato, eu também quis trabalhar com personagens “marginais” na literatura, fora do estereótipo da marginalidade. Um dos meus contos, o *Monólogo do flanelinha*, é um jogo com esses estereótipos na cabeça do leitor. No caso do *Mentiras do Rio*, a paisagem-personagem é essencial, eu quis fazer uma espécie de inventário particular da cidade, com certos tipos e certos ambientes.



[Cristiane Costa] **Sergio, você tem ou tinha planos de fazer uma série, com *Mentiras de Brasília*, *Mentiras de São Paulo* etc.?**



[Sergio Leo] Um amigo chegou a dizer que eu deveria escrever a série e que *Mentiras do Maranhão* seria um volume gigantesco. Mas é uma brincadeira.



[Cristiane Costa] **Ruffato, como é falar de uma cidade estrangeira, como Lisboa? Ou você já não se sente em casa em nenhum lugar do mundo, seja São Paulo ou Cataguases? Esse “olhar estrangeiro” é útil para a literatura?**



[Luiz Ruffato] Na verdade, eu sou o exemplo daquele ditado: “Não tem onde cair morto”. Não sou de lugar algum. Meus avós maternos vieram fugindo da miséria da Itália, meus avós paternos da miséria de Portugal. Minha mãe saiu de Rodeiro e meu pai de Guidoal e foram para Cataguases, para tentar dar uma perspectiva qualquer de vida para os filhos. Eu saí de Cataguases, fui para Juiz de Fora, para São Paulo. Não tenho onde cair morto, porque o meu lugar é um não lugar, não pertencço a lugar algum e talvez, por isso, pertença a todos.



[Cristiane Costa] **E quando virá o aguardado livro que vai fechar a série *Inferno provisório*? Em que cidade ele vai se passar?**



[Luiz Ruffato] O último volume do *Inferno provisório*, o quinto, deverá ser publicado no primeiro semestre do ano que vem. Ele deverá se intitular *Domingos sem Deus* e, como todas as histórias que caracterizam o projeto, terá como cenários Rodeiro e Cataguases, na Zona da Mata mineira, e a cidade de São Paulo.



[Cristiane Costa] **Sergio, você também está escrevendo um novo livro?**



[Sergio Leo] Dois, na verdade. Um está em crise, entre ser um livro de contos ou um romance em que os contos se articulariam, todos sobre arte contemporânea. O outro é um livro infantil, coisa muito séria.



[Cristiane Costa] **Outro ponto em comum entre vocês dois é o fato de serem ou terem sido jornalistas. De que forma isso afetou a literatura?**



[Luiz Ruffato] Para mim, o jornalismo foi importante por mostrar que o que me interessava escrever era o que não estava na notícia, ou seja, aquilo que ocorria fora da página do jornal e, principalmente, por me ensinar que literatura é disciplina, que literatura não rima com inspiração.



[Sergio Leo] É sempre um risco embarcar na facilidade da linguagem utilitária. Mas acho que ajuda a experiência de escrever para jornal. É um bom treino para escapar dos lugares-comuns e para aprender a respeitar o leitor, sem subestimá-lo ou supervalorizá-lo. ●

Foto Cristiane Costa (Felipe Varanda)

Desgasto

os dias vão
se afunilando pela única janela
sem grades da tarde encarcerada

pipa metálica de calda airada reluzente

um superpersônico

vermelha,
a cozinha chupa brasas do poente
suspiramos o que arde nas máquinas

garras atrasadas nos
escombros da encosta
crua

gaviões que remontam cílios garbosos no
que há de humano desses galhos secos,
nossos pés são o caminho
arredondando cacos de passado
na pele adocicada das engrenagens
de montar mares.

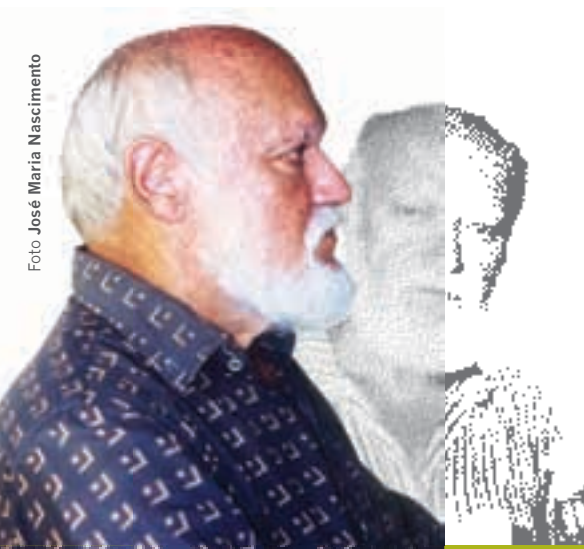
Corpus Christi

Outono do corpus da tarde nas ruas,
brisa de sol e nariz vermelho. Escorro.
Que valia a tarde dentre a procissão de cores?
O almoço na terra, a manga dobrada da lagoa?
Palpitava em quê meu corpo novo,
passando tantas vezes na doceria sem comprar nada?
Chutar o feriado com a serragem,
desfazer as pombas nas cruzes.
Minha cor de melhor roupa, acompanhado de passado.
A brisa de sol deve ter entrado em mim
pela calça preta de mentira pra me avisar hoje do outono,
da lembrança do nariz vermelho,
dos jogos do ginásio
onde apareceu a mãe de bicicleta brava
e me fez subir na garupa sem me despedir.



Heyk Pimenta

Heyk Pimenta é poeta, mineiro de Manhuaçu, tem 23 anos, e está no Rio de Janeiro desde 2007. Blogueiro, editor e participante do movimento de poesia de rua carioca, publicou *Sóis* (Peri Go, 2009), *Ladrão da Matriz* (Quêrê dos Bandidos, 2008), *Maio de 68* (Azougue Editorial, 2008) e mantém o blog *Entre águas* <<http://heykpimenta.blogspot.com>>.



Nauro Machado

Nauro (Diniz) Machado nasceu em São Luís (MA), em 2 de agosto de 1935. Autodidata, já publicou mais de 30 livros de poesia e dois de prosa. Recebeu diversos prêmios de instituições como Academia Brasileira de Letras, Associação Paulista de Críticos de Arte e União Brasileira dos Escritores. Faz parte de várias antologias publicadas no exterior, em países como Alemanha, Portugal e Espanha, entre outros.

Inseminação artificial

De forma singela,
De orgasmo qualquer,
Um ser se revela
E faz sem mulher:

Enfim o poema,
Ao olho do poeta,
Sem câncer ou edema,
Pleno se completa.

E em mim sem vocês,
Lágrimas e riso,
No verbo que fez
Um drama conciso,

Esse ser me pune
Feito em solidão,
Num útero imune
A outra criação.

Poema para Ungaretti

Para quem ou para quê,
Se no além nada mais medra,
Fazer-se alguém como um ser
Já menor do que uma pedra?

Daquela lua, e não da manga
Que apalpo e vejo com a mão,
Como quem pela ideia sangra
Em olhos e coração,

Que eterno a estar além, fez-
Me mortal e à lua não,
Para tão só em mim talvez,
Saber-me ser pó e ilusão?

EVENTOS LITERÁRIOS

21ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo

Anhembi Parque – São Paulo/SP
De 12 a 22 de agosto de 2010.

www.bienaldolivros.com.br

XIV Feira Pan-Amazônica do Livro

Hangar Centro de Convenções e Feiras da Amazônia – Belém/PA
De 27 de agosto a 5 de setembro de 2010.

www.hangarcentrodeconvencoes.com.br

4º Prêmio Internacional Poesia ao Vídeo

Categoria: poema interpretado e editado em vídeo. Tema: livre.
Inscrições até 15 de setembro de 2010.

www.fliporto.net

Prêmio Nacional Academia de Letras da Bahia/Braskem 2010

Categoria: livro de contos, novela ou romance. Tema: livre.
Inscrições até 17 de setembro de 2010.

www.academiadeletrasdabahia.org.br/hotpremio/index.html

Prêmio SESC de Literatura 2010

Categorias: romance e livro de

contos. Tema: livre.
Inscrições até 30 de setembro de 2010.

www.sesc.com.br/premiosesc

1ª Bienal do Livro do Paraná

Estação Convention Center – Curitiba/PR
De 1º a 10 de outubro de 2010.

www.bienaldolivroparana.com.br

56ª Feira do Livro de Porto Alegre

Praça da Alfândega – Porto Alegre/RS
De 29 de outubro a 15 de novembro de 2010.

www.feiradolivro-poa.com.br

20ª Feira de Livros do SESC/RR

SESC Mecejana – Boa Vista/RR
De 8 a 13 de novembro de 2010.

www.sescrr.com.br

VI Fliporto – Festa Literária Internacional de Pernambuco

Praça do Carmo – Olinda/PE
De 12 a 15 de novembro de 2010.

www.fliporto.net

1º Salão Internacional do Livro da Paraíba

Fundação Espaço Cultural José Lins do Rego – João Pessoa/PB

De 20 a 28 de novembro de 2010.

www.rpsfeiras.com.br

4º Concurso Nacional de Ensaio – Fundação Gilberto Freyre e Global Editora

Categoria: ensaio. Tema: alimentação na obra de Gilberto Freyre.

Inscrições até 15 de dezembro de 2010.

www.fgf.org.br/concurso/concurso.html

21ª Feira de Livros do SESC/MS

SESC Camillo Boni – Campo Grande/MS

De 13 a 15 de abril de 2011.

www.sescms.com.br

10ª Bienal do Livro da Bahia

Centro de Convenções da Bahia – Salvador/BA

De 13 a 22 de maio de 2011.

www.bienaldolivrobahia.com.br

EXPOSIÇÃO PALAVRAS
COMPARTILHADAS

ROSANA RICALDE

A exposição Palavras Compartilhadas faz parte do Projeto ArteSESC e está em circulação desde 2008. Neste período foi apresentada nos Departamentos Regionais do SESC na Bahia, Ceará, Distrito Federal, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Paraíba, Pernambuco, Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo e Tocantins.

Detalhe da obra MAR VERMELHO

No trabalho de Rosana Ricalde, exposto em PALAVRAS COMPARTILHADAS podem ser descobertas novas formas de percepção da linguagem. A escrita assume potências inusitadas, trafegando do literário ao visual, por meio da apropriação da artista sobre textos, poéticos ou teórico.

Rosana Ricalde é graduada em Gravura pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Mestre em Ciência da Arte pela Universidade Federal Fluminense. Expõe regularmente desde 2000 em mostras coletivas e individuais no Brasil e países como Portugal e Espanha.

BiblioSESC

Há cinco anos trabalhando no incentivo à leitura.



SESC

www.sesc.com.br

O BiblioSESC viaja por todo o país carregado de aventura, romance, drama, contos, comédias, curiosidades... O resto da viagem só depende de você.

